



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Eis o volume 8, número 2, 2022, de *ECO-REBEL*, com artigos falando de temas os mais variados, mas todos voltados para a temática língua e meio ambiente, ora enfatizando uma dessas duas perspectivas, ora a outra. Ele contém uma grande inovação: até o presente momento, só se publicaram artigos em português (a maioria), em inglês e em espanhol, em menor quantidade, e um único em francês. Agora temos um importante artigo em alemão, que será retomado logo abaixo.

O número começa pelo artigo “Chinese Ecolinguistics: Development and contribution to the discipline”, de Yafei Pang & David W. Marlow. O artigo começa com uma caracterização geral da ecolinguística e passa a mostrar as especificidades da disciplina na China em comparação com o que se faz no Ocidente. De acordo com eles, “a disseminação e popularização do conhecimento ecolinguístico promoverá o desenvolvimento diversificado das línguas e a convivência harmoniosa entre o homem e a natureza”. Tanto que está emergindo no país uma análise do discurso harmoniosa.

O segundo artigo, “Towards an ecologically informed methodology for the study of language”, de Mark Garner, dá continuidade à grande contribuição do autor para a ecolinguística, a proposta do “método da focalização” (*focussing method*), que ele havia proposto em um livro de 2004. Para facilitar o entendimento deste artigo, no final encontra-se uma nota remetendo à proposta de 2004 e uma tradução do presente artigo para o português no *Boletim do GEPL* v. 11, 2022, disponível aqui:

<http://www.ecoling.unb.br/boletim-do-geple>

O terceiro artigo, “Environmental policies for greenwashing: Agency in Argentina’s Climate Law”, do ecolinguista argentino Diego Forte, tem por objetivo analisar a “representação industrial em duas leis nacionais que regulamentam” a questão da agricultura e a criação de animais, tal como representadas em diversos tipos de discurso. Usando o arcabouço teórico da análise do discurso crítica, ele discute a tese de que é possível intervir em prol de menos intervenção no meio ambiente, o que é parte inalienável da ecologia profunda de Arne Naess e da análise do discurso ecossistêmica.

Em quarto lugar vem o artigo em alemão “Zukunft, Wissen und Sprachen: Warum ein Gaiazän das bessere Menschenalter ist”, do filósofo e ecolinguista Peter L. W. Finke. Como o título já sugere, o autor defende a tese de que é preciso introduzir um gaiaceno nas discussões sobre a vida na face da terra, não ficar em um antropoceno como se tem feito de certo tempo para cá. Tanto que ele acaba de publicar, também em alemão, o livro *Mut zum Gaiazän: Das Anthropozän hat versagt* (Munique: Oekom, 2022, 189p.), título

ECO-REBEL

que pode ser traduzido livremente por *Tenhamos coragem para o gaiaceno: o antropoceno falhou*. Como se informa em nota final do presente artigo, uma versão portuguesa dele sairá no *Boletim do GEPL* n. 12, 2022, para facilitar o acesso a quem não tem conhecimento de alemão. Tem sido ressaltado em diversas publicações e em números pretéritos de *ECO-REBEL*, que Peter Finke é o principal pioneiro da linguística ecossistêmica, seguido por Wilhelm Trampe e Hans Strohner.

O quinto artigo é “Discurso de ódio, suas causas e consequências”, de Ubirajara Moreira Fernandes. Sem a pretensão de usar grandes filosofias, o autor tenta discutir o discurso de ódio (DO) tão comum nos dias atuais, mostrando que ele é reflexo de uma atitude ou prática de ódio (PO), ambos intimamente associados à violência, inclusive física. O autor historia e conceitua DO e mostra com diversos exemplos sua dependência da PO. Embora DO e PO tenham existido e existem em diversas épocas e diversos lugares, há uma certa ênfase no que se dá no presente (2022) governo do Brasil, em cujo seio se disse que há um gabinete do ódio.

O sexto artigo, “O que as plantas nos ensinam? Algumas considerações sobre a relação entre os seres humanos e o reino vegetal”, de Ana Cecília Estellita Lins & Eraldo Medeiros Costa Neto, não fala diretamente de questões linguísticas. Porém, está em perfeita sintonia com os objetivos gerais de nossa revista, cujo título integral é *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*. Os autores apresentam conceitos e definições para “exemplificar o comportamento humano e contrapô-lo ao do reino das plantas”, da perspectiva da neurobiologia vegetal. Mostram que, apesar de não terem cérebro, “as plantas aprendem, recordam e decidem”. É mais um argumento contra a arrogância humana que considera os humanos os reis da criação. Tudo isso para não falar da inteligência e comunicação animais.

Por fim, temos o texto “Migração na fronteira Brasil-Venezuela: *Interações* e uso de marcadores discursivos”, de Pierre George François Guisan, que infelizmente não está mais entre nós, e Maria Ivone Alves da Silva, que foi sua orientanda. Com base em um grande *corpus*, mostram que “os marcadores discursivos mais usados em português L1 também emergem nas interações dos falantes de português L2”, sendo o mais comum entre eles o *né?* Concluem “que o uso dos marcadores aponta para uma possível comunidade discursiva em desenvolvimento”.

Por fim, vem uma resenha de *O bruxo-azul e a cobra-de-asa: Insetos no dia a dia de uma comunidade rural do Recôncavo baiano*, de Eraldo M. Costa Neto, feita por Elidiomar Ribeiro da Silva.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 8, n. 2, 2022.